

P O E S I A

CRUZ FILHO

Como ocorre com as noções ditas fundamentais, a noção que temos de poesia, naquilo que entende com a sua essência íntima, escapa a todo e qualquer esforço que se possa pôr em prática no sentido de lhe decifrar o enigma. É tal noção mais perceptível como determinado estado de espírito do que como qualquer coisa que se preste a uma definição exata, unânimemente aceita por tôdas as inteligências.

Apresenta-se-nos a poesia como um fenômeno mental, participante das funções de nosso espírito, mas cujo nexó com as mesmas funções não se encontra ao alcance de nosso entendimento. Tentar elucidar tal problema será versar tema sumamente ingrato, como serão todos aquêles que se relacionem com o conceito do Belo. A pretendida ciência que dêste se ocupa, a Estética, na opinião de um dos seus teóricos, Eugênio Véron, nunca pôde libertar-se das mãos dos metafísicos. (1)

Entretanto, ontem e hoje, não há faltado quem tenha ousado propor definições à mesma poesia, poetizando-as, as mais das vezes, com refulgentes ornatos retóricos.

Em verdade, que é a Poesia?

Antes de procurarmos resposta à interrogação, cumpre-nos, para encaminhamento do assunto, lembrar a seguinte reflexão de Lange: "Uma coisa é certa: o homem tem necessidade de completar o mundo existente com um mundo ideal, que êle próprio

(1) — EUGENE VERON, *L'Esthétique* (Reinwald, Paris, 1890).

cria e para cuja criação concorrem as mais altas funções de sua inteligência.” (2)

Sabido isso, passemos, desde já, a reproduzir algumas das generosas ou engenhosas definições que se têm dado de objeto da poesia, as quais, ainda que não atinjam o âmago da “coisa em si”, que lhe constitui a essência, em todo caso ampliam, de certa maneira, a sua noção, visto ser ainda poesia o enunciado das próprias definições.

“A Poesia — é Guyau quem o diz — é o mais belo dos sonhos.” E logo acrescenta: “Ela é como a coluna que parece alongar-se sobre o mar, quando Sírío se levanta no horizonte — leitosa faixa luminosa que se debruça imóvel sobre a convulsão das ondas, e que, através do infinito do mar e dos céus, liga, por um raio, aquela estrêla ao nosso globo.” (3)

Conclui-se dêste asserto que nem o mais positivo e sóbrio dos pensadores conseguiu furtar-se a certo devaneio de imaginação, ao abeirar-se do confuso reino da poesia. . .

“A poesia é a música que cada homem conduz dentro de si” — diz-nos Shakespeare, por meio de lúcida metáfora, singularmente romântica.

Depondo proficientemente sobre o mesmo assunto, Farias Brito, pensador mais indeciso ou vacilante do que Guyau, assim se pronuncia: “É a poesia uma espécie de aspiração para o melhoramento, um esforço do espírito para elevar-se do círculo estreito e prosaico da realidade à concepção harmoniosa de um mundo melhor e mais perfeito; é, numa palavra, o princípio mesmo criador do ideal.” E esclarece: “o homem cercado de dúvidas, rodeado de incertezas, na grandeza, nos gozos, bem como na miséria e no sofrimento e, em qualquer situação, tendo sempre diante dos olhos o espetáculo maravilhoso do mundo, sente agitar-se dentro de si um elemento desconhecido que o transporta: entusiasma-se, canta, suspira, enlouquece, chora”. (4)

Dá-lhe a mão um psiquiatra:

(2) — F.—A. LANGE, *Histoire du Materialisme*, II vol., trad. de B. Pomerol (Schleicher, Paris, 1911).

(3) — M. GUYAU, *L'Art au Point de Vue Sociologique* (Alcan, Paris, 1912).

(4) — R. DE FARIAS BRITO, *Finalidade do Mundo*, vol. I (Fortaleza, 1895).

“Reflexo irisado da vida” — definiu-a Enrico Ferri. (5) E, bastante recentemente, o crítico e esteta Renato Waltz assim a define: “Que é a Poesia? — É a estolização, executada pela linguagem, das nossas emoções e pensamentos.” E preleciona: “Em que consiste o papel desempenhado pelo poeta? — Preliminarmente, em *viver*, tão plenamente e harmoniosamente quanto possível, as próprias emoções e pensamentos. Seguidamente, em exteriorizar essa harmonia, por meio de determinada música embelezada de imagens e de certo canto de evocação, ao mesmo tempo palavra e melodia, cujo encanto não seja somente pessoal, mas destirado a quantos queiram e saibam gozá-lo e, por êle, deixar-se seduzir e comover... Caso falte qualquer um desses elementos, não há mais poesia, mas simulacro e paródia de poesia.” (6)

Se assim é, razão bastante teve Ernesto Renan, ao escrever o seguinte: “Se por poesia se entende a faculdade que possui a alma de se sentir de algum modo comovida e vibrar, de maneira especial e indefinível, perante a beleza das coisas, quem não é poeta não é homem, e renunciar a êste título equivale a abdicar voluntariamente da dignidade da própria natureza.” (7)

Demais, a poesia, conforme tivemos ocasião de ponderar, no prefácio de uma seleção de poemas, é, como a Arte em geral, aprazível refúgio a que se acolhe o nosso espírito, ao sentir-se fustigado pelas constantes desilusões do mundo. Traduz ela, além das fosforescências do nosso mundo subjetivo, o pasmo e o enlêvo do homem em face da magnitude e enigma que lhe apresentam o Universo e a Natureza — magnitude e enigma sempre postos em conflito com a pequenez e a imperfeição do ser racional. Em seu recesso, onde residem as formas puras, os arquétipos das coisas, os reflexos refulgentes do nômene, numa palavra — o mundo vivo e quimérico do Ideal, finda a tristeza, apaga-se a dúvida, emudece o clamor que o homem traz no coração.

O poeta, cujo canto messiânico anuncia o advento do Reino Divino, é um obstinado sementeiro de oásis na sáfara imensidade do deserto humano. Poderia êle dizer, à imitação do desventurado Norberto de Varenne, do *Bel-Ami*, de Maupassant, que, na

(5) — ENRICO FERRI, *Les Criminels dans l'Art et la Littérature* trad. de Eugène Laurent (Alcan, Paris, 1913).

(6) — RENÉ WALTZ, *La Création Poétique* (Flammarion, Paris, 1953).

(7) — ERNEST RENAN, *Avenir de la Science*, cap. I (Alcan, Paris).

plenitude dêste mundo tão radioso e magnífico, nada possuí, "se-
não a rima".

E poderia ainda, com o mesmo poeta, concluir a reflexão,
alçando o olhar ao céu noturno:

*Et je cherche le mot de cet obscur problème
Dans le ciel noir et vide où flotte un astre blême.*

O poeta francês Edmundo Haraucourt, por seu turno, ten-
tou definir êsse refúgio secreto do espírito, por meio da imagem
material de uma cidadela, construída acima das nuvens mais al-
tas, muito além das contingências e vicissitudes humanas:

*Si tu veux être grand, bâtis ta citadelle.
Loin de tous et trop haut, bâtis-la pour toi seul.
Qu'elle soit imprenable et vierge, et qu'autour d'elle
Le mont fasse un rempart et la neige un linceul.*

*Bâtis-la sur l'orgueil vertigineux des cimes,
Parmi les chemins bleus de l'aigle et de l'éclair,
Reine de marbre blanc dans une cour d'abymes,
Lys de pierre, fleuri dans les splendeurs de l'air.*

Já antes, por volta de 1875, Davi Strauss, a título de su-
gestão à humanidade orfanada pela suposta morte dos seus
deuses, lhe havia lembrado a adoção da religião da Arte, so-
bretudo da poesia e da música, em cujo cultivo poderiam os
homens reaver as alegrias perdidas com o deicídio universal,
promovido pela ciência e a filosofia do último século decor-
rido. Dizia então o austero pensador: "Eu falava, há pouco,
das obras dos nossos grandes poetas e dos nossos grandes mú-
sicos, do alimento que delas poderíamos extrair para o nos-
so espírito e para o nosso coração. Sem dúvida, a arte, em to-
dos os seus ramos, tem por missão fazer-nos contemplar, ou
pelo menos pressentir, num quadro restrito, a harmonia uni-
versal que penetra todo o conjunto dos fenômenos, que re-
nasce sem cessar da perpétua luta das fôrças, harmonia cuja
imensidade se nos revela através do todo infinito. As grandes
produções da arte plástica também agem no sentido religioso,

mas tal ação é mais imediatamente própria da poesia e da música, e a êste respeito tenho alguma coisa cá dentro.” (8)

Objetará algum leitor que carece de fundamento a proposição de Davi Strauss, em face da evidência da irreducibilidade do sentimento produtor da Arte em geral ao sentimento que nos impõe a noção algo obscura da existência de um Poder incognoscível, de que são a Natureza e o Universo esmaecidas expressões. É que Strauss, do ponto de vista de sua filosofia, diametralmente oposto ao dos seus compatriotas Kant, Hegel, Schopenhauer e Hartmann, terá encarado de maneira bastante simplista o problema que eventualmente se lhe antolhou. Ainda assim, o seu paradoxo será incisiva proclamação do alto valor humano da poesia no pensamento do filósofo d'*A Antiga e a Nova Fé*.

Patente está que, no seu mais legítimo conceito, não é ela, a poesia, sinônimo de “verso” — verso métrico, elemento constitutivo da estrofe, nem ainda qualquer seqüência da estrofe. O verso é somente o instrumento que transmite a poesia aos homens capazes de assimilá-la. A confusão comumente estabelecida, no tocante ao conceito das duas palavras, reduz-se a trivial caso de metonímia.

É a poesia o processo da idealização da natureza, feito pelo gênio do poeta — astuto mágico que não pertence à “república” de Platão, mas que traz em si o demônio ovidiano, com a sua acuidade visual de águia e a sua sensibilidade barométrica no aparelho auditivo.

Chame-se à poesia, de acôrdo com o retórica que o seu objeto admite — visão transcendental do mundo sensível, relâmpago da intuição ou surto do espírito aos cimos iluminados pelo luar da abstração — porque tudo isto poderá definir êsse “reino de delícias”, contraposto ao reino objetivo dos nossos sentidos.

Cometerá patente ilogismo quem disser que ela tem menos consistência do que os sistemas de filosofia e os sistemas religiosos. Em verdade, Descartes, Berkeley, Spinoza, Kant, Spencer e Bergson são tão lídimos poetas quanto Zoroastro,

(8) — DAVI FREDERICO STRAUSS, *A Antiga e a Nova Fé*, Apêndice, trad. de Alfredo Pimenta (Chardron, Pôrto, 1907).

Buda, Moisés, Jesus e Mafoma, uma vez que não passarão todos de obreiros do multifário jardim da *poesia*...

Encarada do ponto de vista proposto por Strauss, a poesia, é bem de ver, diluir-se-ia quase insensivelmente nos lindes do mais romanesco misticismo; é provável até que o metro e a rima aí ficassem reduzidos a simples ornatos da decoração externa, e haveria tão intensa poesia em *Vie de Jésus*, de Renan, e em *Le Trésor des Humbles*, de Maeterlinck, quanto nos *Poèmes* de Leconte de Lisle. A palavra poética tornar-se-ia símbolo, para melhor traduzir a visão que o mundo nos apresentasse, na qual os homens sonhariam, como Berkeley e Malebranche, e, "vista de tão alto — di-lo João Ribeiro — a Terra, a vida humana se aniquilam; glórias, altitudes, vales e montanhas, heroísmo e crimes nem sequer alterariam a curva superficial do planêta", porque tudo isso começaria a parecer-nos "sutilezas perdidas no Universo que seria, todo êle, uma vaga a espriar-se no infinito..." (9)

Dêste ou de qualquer outro ângulo que se entreveja a poesia, tem esta a sua razão de ser, como ocorre com a filosofia, a religião e a ciência, e resistirá triunfantemente, segundo o opinar dos menos céticos, às invasões dos bárbaros, que cada vez mais ameaçam destruí-la.

Metafísica opulenta, na variedade dos seus aspectos, método introspectivo mediante o qual traduz o poeta a natureza e a vida, postas em face de sua consciência, não terá ela, como a mesma religião, conforme o parecer do já citado Renan, nem data nem pátria, e esquivar-se-á naturalmente à tirania das chamadas "escolas literárias".

Não obstante considerações de caráter filosófico desta montanha, é bem possível que alguma testemunha ocular do ainda um tanto belicoso mundo contemporâneo e do grosseiro materialismo dêste século industrial e faminto ouse, ainda hoje, reformular aquela interrogação que Alberto de Oliveira pôs na bôca de certa personagem de um dos seus poemas: — *Para que versos?*

De fato, êste resto do ciclo da civilização ocidental, a cuja agonia ora assistimos, é sobremodo avêso, senão infenso a

(9) — JOÃO RIBEIRO, *Páginas de Estética* (Livraria Clássica Editôra, Lisboa, 1905).

qualquer gênero de idealismo poético. A vida do homem tomou novo ritmo, cresceu a cultura universal, o *struggle for life* apresentou cenho mais carrancudo, requintou-se o egoísmo plutocrático e certa ordem de idéias revolucionárias principiou a nortear o governo dos espíritos.

Compreende-se bem que, no torvado mundo atual, não possa haver acústica apropriada à ressonância das abstrações e sutilezas da poesia.

Em todo caso, não pertence privativamente ao século atual o prognóstico da sua próxima morte. Informa-nos Sílvio Romero que, desde a época de Madame de Stael e de Chateaubriand, se ventila a hipótese do seu óbito.

Em 1868, a propósito do prefácio da obra poética de André Lefèvre, *L'Épopée Terrestre*, em que êste proclamava a invulnerabilidade da poesia em si, escreveu o notável crítico Edmundo Scherer vigorosa página sobre o assunto, na qual prognosticou o próximo desaparecimento desse gênero literário, em face do intenso progresso da ciência em geral, no decurso do último século.

O citado Sílvio Romero, divergindo da opinião de Scherer, houve por bem confutá-la, mediante argumentos bastante ponderáveis, num estudo feito sobre o nosso poeta Luís Murat, (10) certamente por considerar a poesia elemento integrante de uma das "criações fundamentais e irredutíveis da humanidade" (a Arte).

Realizar-se-á em breve a "profecia" de Scherer, ainda com a abstração do motivo algo insólito por êle invocado, ou volverá a poesia a enfeitiçar o mundo com os seus sortilégios, em dias de mais claro sol nos espíritos?

Ao futuro compete a resposta.

A respeito do assunto, convém acentuar não ser proposição teórica, mas fato apodítico, ter o homem em si, concomitantemente com outras necessidades a cujo jugo se submete, necessidades de natureza estética, as quais reclamam imperiosamente a competente satisfação. Vão tais exigências do ritmo algo bárbaro da dança ao ritmo intelectualizado da música clássica e da grande poesia.

É que existe, no ser humano, certa energia irredutível que

(10) — SÍLVIO ROMERO, *Novos Estudos de Literatura Contemporânea* (Garnier, Rio).

não quer abdicar dos seus direitos à livre expressão e a cuja sede só indiretamente chega o rumor dos marouços do mundo exterior.

Deliciosa obsessão essa, que acompanha o poeta, romântico jardineiro das faldas do Parnaso — montanha que, não sabemos por que ironia geográfica, se acha situada na suspeita região da antiga Beócia...

Compreende-se que a contemplação atenta da Natureza e do Universo, na amplitude dos seus grandes quadros, constitui, só por si, o ato de apreendermos mentalmente o conteúdo de belo e sugestivo poema. É certo que a compreensão exata desse poema não se acha ao alcance de tôdas as inteligências, visto exceder-lhes a natural capacidade.

Não há fundamento, outrossim, para se considerar privativo do *XX* século o divórcio tácitamente estabelecido entre a poesia e o espírito público. Igualmente carece de base a presunção de que o chamado "modernismo" teria concorrido para a crise por que passa a mesma poesia, na agônica hora que atravessamos no momento.

A Arte, sobretudo a grande Arte, outrora e agora, teve e tem certo caráter aristocrático: somente certa nobreza intelectual pôde e pode apreendê-la bem, nos indefiníveis sortilégios com que enleva e domina os espíritos. Não diremos que apenas reduzidíssima fração das unidades da população do mundo civilizado haja fruído as delícias que ela nos proporciona, porque talvez a música consiga invalidar êsse cálculo, uma vez que nêle se inclua a música na sua generalidade.

"A Arte — escrevia Leconte de Lisle, em 1864 — a Arte, de que a poesia é a expressão brilhante, intensa e completa, é um luxo intelectual acessível a raríssimos espíritos. A multidão nega de boa vontade ou insulta aquilo que ela não poderia possuir. Dêsse vício natural de compreensibilidade deriva a aversão instintiva que ela vota à Arte. O povo francês, particularmente, é dotado em alto grau dêsse mal incurável. Nem os seus olhos, nem os seus ouvidos, nem a sua inteligência perceberão jamais o mundo divino do Belo." (11)

Diante dêste asserto, frustrar-se-ia qualquer pretensão nos-

(11) — LÉCONTE DE LISLE, "Les Poètes Contemporains", in *Derniers Poèmes* (Lemerre, Paris).

sa que visasse a encontrar aqui muitos espíritos capazes de interpretar a poesia que transuda do Todo e se manifesta, em tórno e dentro de cada homem, debaixo de tantas feições, desde a simpatia atômica, a afinidade química, a coesão molecular, a vida, a luz, o som, a côr, o perfume, o magnetismo, a atração cósmica e a gravidade, que nos encadeia à Terra e nos traz suspensos sôbre o abismo, até o estupendo milagre do mundo subjetivo — pensamento, imaginação, sonho, magia sexual, filosofia, ciência, arte, intuição — tudo isso que delinea as intangíveis arquiteturas do espírito. Quantos poderão sentir e tra-
luzir o maravilhoso poema que estranho Homero põe constantemente diante dos nossos sentidos?

Quanto ao apregoado “modernismo”, não obstante o irônico juízo de Ortega y Gasset a respeito da arte nova, segundo o qual “só se torna ela compreensível e adquire certa dose de grandeza, quando é interpretada como um ensaio no sentido de criar puerilidade num mundo velho”, (12) podemos, ao contrário, atribuir-lhe, ao menos por certa deferência, mais con-
digno escopo literário. De feito, quem nos dirá que seja o “modernismo” generosa tentativa de “salvação”, embora mal orientada, da própria poesia, cuja falência se havia agravado consideravelmente na época em que surgiu aquela inovação nas belas letras?

Paliativos análogos de “salvação” já teriam sido tentados, na França e na Itália, desde os primeiros decênios do século fluente, e não teriam ido além de simples panacéias, algumas bastante engenhosas, outras cabotinescas ao extremo, mas possivelmente bem intencionadas tôdas, no sentido de remediar a crise por que passava a poesia no período que se seguiu aos dos parnasianos e simbolistas. Cumpre trazer à memória, por exemplo, o *unanimismo*, proclamado, na França, por volta da primeira década do século XX e capitaneado por Júlio Romain, teoria literária que se insurgia contra o individualismo dos simbolistas e prescrevia a prática da estrofe livre das peias da métrica tradicional e preconizava certo processo de assonâncias e outros artifícios. Evoque-se o *futurismo* (1909), irrompido na Itália e promovido por F. T. Marinetti, movimento revolucio-

(12) — JOSÉ ORTEGA Y GASSET, *La Deshumanización del Arte*, 5.ª edición (Madrid, 1958).

nário e algo ingênuo, bem cedo abortado. Junte-se a êsses, ainda na França, o *dadaísmo* (1916), insurreição também desassissada, de que foi cabecilha Guilherme Apollinaire, a qual pretendeu com mistificações bastante burlescas, dar novo rumo à poesia. Rememore-se, finalmente, o *super-realismo* (1924), chefiado por André Breton e ainda vigente entre frívolas *coteries* literárias na hora que passa.

Terá condicionado, pelo menos parcialmente, êsses tentames a atmosfera do primeiro terço do século, sensivelmente saturado dos eflúvios do "intuicionismo" de Bergson, das "transcendências" idealísticas de Maeterlinck e também das dubiedades mentais suscitadas pelas incursões de Marcel Proust nos domínios do inconsciente humano, com as quais nos convida a "entrar em contato com um mundo para o qual não fomos feitos e que se afigura sem forma, porque os olhos não o percebem, e sem significação, porque escapa à nossa inteligência, uma vez que não o apreendemos senão por um só dos nossos sentidos". (13)

Outros poetas do mesmo período, colocados um tanto à margem das *coteries* citadas, acusam, na sua poesia, a influência daquele ambiente, inclusive alguns deles vindos do século anterior. Será o caso de Paulo Claudel, Paulo Valery, Valery Larbaud, João Cocteau, Luís Aragon, Jaques Trévert, Júlio Supervielle e outros.

Direta ou indiretamente, todos êsses idealistas terão cooperado, com as suas inovações no campo poético, na obra de conjurar a crise, certamente oriunda de uma complexidade de fatores de vária ordem, só acidentalmente relacionados com a mesma poesia.

O Brasil, por seu turno, teria também oferecido a sua colaboração à obra de "salvação", desde o decênio de 1920, mediante inovações voluntárias na poesia, mais ou menos filiadas às de Apollinaire e Breton, sem nenhuma vantagem expressa para o objetivo que porventura tivessem por alvo.

Podemos plenamente aplicar à cooperação brasileira estas observações de Ortega y Gasset: "Em vez de rir-se de alguém ou de alguma coisa determinada — sem vítima não há comédia — a arte nova escarnece da própria arte." E adiante: "Dir-se-á que

(13) — MARCEL PROUST, *Du Côté de chez Swann* (II), (Gallimard, éditeur, Paris).

a arte nova não produziu nada até agora que valha a pena, e eu ando muito perto de pensar a mesma coisa.” (14)

Inovações arbitrárias, não raro cerebriñas, não conseguirão jamais dirimir a crise, cujas causas estarão fora do alcance das mesmas inovações. As “escolas” passam, ao sabor do declive dos tempos, e a poesia perdurará, na sede própria, com o seu inalterável messianismo e desmedidas aspirações, a despeito da incompreensão geral das massas humanas.

Como interpretar, em verdade e mediante tѐrmos acessíveis à inteligência comum, esse fenômeno maravilhoso da Arte, que tem por eixo outro fenômeno não menos maravilhoso — o Belo? Como e quando surgiu este no recesso do espírito do homem?

Apesar de carência de autoridade para depor sobre o problema, ousaremos emitir aqui certa hipótese, que, como diria Davi Strauss, há tempos temos *cá dentro*.

O sentimento produtor dos dois fenômenos, — o Belo e a Arte — tem a sua origem na perpétua disputa, no encarniçado conflito interior que se acha estabelecido entre o semideus e a bѐsta que coexistem no ser racional — conflito motivado pelo persistente atrito do contraste entre aquilo que, na realidade, é, com aquilo que ao primeiro dêles se afigura que deveria ser.

Desde o instante em que o antropopiteco de Java se alçou, na sua lenta evolução, às alturas do homem de Neandertal, conseguindo apumar-se verticalmente sobre as pernas e imprimir nova posição ao cérebro e a outros órgãos essenciais, iniciou-se grave demanda entre os dois seres — o resto do antropóide, que nѐle existia, e o semideus, o Homem-Mental, que nѐle começara a formar-se.

Tivesse ficado o coirmão do gorilha a viver, como o gorilha, trepado aos ramos das árvores ou quadrupedando por entre os troncos da floresta natal, à cata das uvas e bananas do seu verde reino, e nada teria ocorrido.

Mas o pitecantropo fѐz-se erecto, e então começou a grande epopéia!

Envolve-se-lhe a massa cinzenta, adestra-se-lhe a função cerebral, institui-se nѐle o fenômeno “personalidade”, correlativo do fenômeno “consciência”, e aparece o poeta Homero, e surge

(14) — JOSÉ ORTEGA Y GASSET, ob. cit.

o filósofo Kant, e investiga os céus o astrônomo Copérnico, e arquiteta a "Passarola" o padre Bartolomeu, e extravagam outros, como nós fazemos agora, vindo a formular esta hipótese sobre o glorioso feito avoengo...

Todos êstes inquietos espíritos — o poeta, o filósofo, o astrônomo, o aeronauta e o fantasista — todos êles, enfasiados e amesquinhadados diante da aspereza da vida humana e da pequenez do homem, buscam, à semelhança daquele Juan Ponce de León, invocado por Eça de Queirós, no epistolário de Fradique, *algo nuevo que mirar*.

E todo êsse anseio, essa insatisfação, êsses transportes mentais, essas estonteadas fugas para os Eldorados, tudo isso se reduz certamente a coleios do espírito, a recuos estratégicos, a modalidades da revolta íntima do semideus criado pela plurissecular educação da função cerebral contra o recalitrante domínio da entidade consubstancial que o integra e a que tão-sòmente o instinto subjuga e compele. Tudo isso constitui, em verdade, demonstrações sensíveis do obscuro duelo travado entre o homem de Darwin e Hobbes e o sereno homem de Kant e Goethe — o homem que digere e procria, e o homem que pensa e sonha.

Reduz-se tudo — Beleza, Arte, Poesia sobretudo, a sublimações de peripécias da tragédia do Centauro, ao qual a cabeça ordena e o corpanzil equino não quer obedecer...

Em síntese, terá sido a gênese da arte, e ainda a das religiões e filosofias, o áspero antagonismo estabelecido entre os integrantes da individualidade dual que reside em cada ser humano. Idealista e inconformado, um dos dois componentes do Centauro fêz-se poeta, místico ou filósofo, para, com êsses hábeis estratagemas, libertar-se da tirania do mundo real e assenhorear-se do inefável reino da Utopia.

Êsse desvario lúcido levou-o, e leva-o ainda, à arte estratégica de sobrepor ao mundo sensível um mundo irreal, criado pela imaginação e, com tal processo, ousa lacerar a pele palpável do fenômeno, com o intento de lhe apreender, à claridade de certa lâmpada mágica, o pretendido e fugidio rômeneo. O poeta, graças à sua iluminação interior, com o intuito de surpreender êsse *quid* obscuro, promove a libertação do fardo que aos ombros lhe lançou o mundo dos sentidos, o mundo fenomenal que o rodeia e hostiliza, ouriçado de precariedades e contradições.

Decorre daí que a intuição da Beleza, portanto da Poesia, será hábil fuga do espírito às contingências que o agrilhoam à terra.

— Poesia tudo isso — dir-nos-ão.

Mas, que não será poesia, a certas luzes, não onímodo espetáculo da Natureza e do Universo, assim como no íntimo do nosso ser, no jardim de nossa mocidade, no ambiente da nossa vida, no recesso de nosso lar, no amor de nosso cônjuge, no sorriso de nosso filho, nos cabelos nevados de nossa mãe, na arquitetura da casa que construímos, na recordação das mulheres que nos amaram, no recinto do templo em que balbuciamos a primeira oração?

Em verdade, jorra abundantemente a poesia, ruidosa ou abemolada, de tudo quanto vemos ou entrevemos em roda de nós, à semelhança da chuva de ouro de Zeus sôbre a Dânai da mitologia helênica.

“Assim nos andamos nós — escreveu Euclides da Cunha — do realismo para o sonho, e dêste para aquêle, na oscilação perpétua das dúvidas, sem que se possa diferenciar, na obscura zona neutral alongada à beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade do naturalista que tateia o mistério.”

É que, consoante o dizer do mesmo Euclides, ainda quando empunhamos a ferramenta das nossas atividades profissionais, só podemos verdadeiramente viver ou sofrer a vida, a vida consciente e bela de homem, com os “olhos nos céus”, como os poetas seguem na existência,

... a ouvir estrêlas!” (15)

Ouviu-as e entendeu-as — confessa-o Bilac, no sonêto tão célebre quanto mal compreendido de *Via Láctea*; ouviu-as também Camões, ao seguir, com os olhos do espírito, as incursões das caravelas lusas na imensidade dos “mares nunca dantes navegados”; e tê-las-á ainda ouvido e entendido Petrarca, ao compor os veneráveis sonetos à memória de Madonna Laura, na melancólica solidão de Vaucluse.

Aos olhos de todos, e aos dos seus ouvintes, terá instilado Puck, o gênio alado, o suco da flor que produz a sugestão chamada poesia, a qual, se converte os homens em asnos, converte também os asnos em estrêlas.

(15) — VICENTE DE CARVALHO, *Poemas e Canções* — Prefácio (Companhia Editôra Nacional, S. Paulo).